

Título: A Contribuição da obra literária de Amadou Hampâté Bâ
para o Ensino de História da África.

Autores: Suzi Santos de Aguiar¹
Ângela da Conceição Castilho Jackson²
Abel Oliveira³
Cristiane Furtado⁴

Resumo:

Este trabalho trata-se de uma pesquisa sobre a narrativa literária e seu conceito historiográfico analisado pela história cultural, fazendo um paralelo do contexto histórico da época narrado pelo autor e a historiografia oficial utilizada em sala de aula.

Utilizaremos como referencial literário à obra de Amadou Hampâté Bâ, nascido em Bandiagara, Mali no ano de 1900, O Menino Fula, onde o autor narra sua infância, apontando a história oral riquíssima em detalhes, a influência islâmica no Mali (colônia francesa) e parte do cotidiano Malês a partir do século XIX.

A leitura da obra acompanhada de comparativo da historiografia nos trará um aspecto relevante no tocante ao entendimento da cultura africana e seus enlances com a cultura brasileira, bem como a abordagem do conceito de oralidade empregado na análise histórica.

Palavra chave: História, Literatura e Cultura

Abstract

This Work is about a research on the literary narrative and its historygraphic concept analyzed by cultural history, making a comparison of the historical context of the time told for the author and the official historygraphic used in a classroom.

¹ Suzi Aguiar- Formada em História pela PUC-Rio, Pós Graduada em História da África e do Negro no Brasil – UCAM. Professora do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos.

² Ângela Castilho – Mestre em Ciências Sociais – UERJ, professora do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos.

³ Abel Oliveira – graduado em História pelo Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos.

⁴ Cristiane Furtado – Graduada em História pela PUC-Rio, Pós graduada em História da África e do Negro no Brasil – UCAM.

We will use as referencial literary the workmanship of Amadou Hampâté Bâ, born in Bandiagara, Mali in the year of 1900, Amkoullel, l'enfant peul, where the author tells to its infancy, pointing verbal history in many details, the Islamic influence in the Mali (French colony) and part of the daily Malês from century XIX.

The reading of the folloied workmanship of comparative degree of the historygrafic in them will bring an excellent aspect in regards to the agreement of the African culture and its you enlace with the Brazilian culture, as well as the boarding of the concept of orality used in the historical analysis.

History, Literary and Culture.

Título: A Contribuição da obra literária de Amadou Hampâté Bâ
para o Ensino de História da África.

Introdução:

Data de algum tempo que professores do ensino de história buscam trabalhar de forma interdisciplinar a literatura e a história e ao mesmo tempo utilizar a narrativa literária como aporte teórico metodológico na compreensão da História da África.

Assim, escolhemos dentre vários autores africanos Amadou Hampâté Bâ, que nasceu na região do atual Mali, onde viveu, ao lado dos Tucoiores e Bambaras nos vastos espaços das savanas africanas onde a ação se desenrola, e onde muitos personagens do texto, influenciaram sua trajetória.

À medida que lemos o livro percebemos que o discurso literário oferece uma diferente visão sobre o processo histórico africano, e que a relação entre Literatura e História é um dos elementos estruturantes do projeto literário do autor aqui apresentado. As diversas circunstâncias históricas levam e têm levado os escritores africanos de várias regiões e etnias do continente a defenderem uma literatura que dê conta dos problemas e lutas desses povos.

Neste sentido, o livro *“Amukoullé, o menino fula”* permite entender através da narrativa do autor, não só a trajetória de um homem e os seus conflitos, mas as tradições culturais de uma região africana.

Assim, o trabalho tem como objetivo debater a contribuição da narrativa literária para o ensino de História da África e o mesmo justifica-se por ser o texto, a visão de um homem sobre a reconstrução de sua memória forjada em uma tradição oral, onde três pontos recebem atenção especial: a tradição, as relações sociais e a questão do tempo.

1. Literatura, História e Narrativa.

“O historiador não ajuda ninguém construindo uma refinada continuidade entre o mundo presente e o que procedeu. Ao contrário, necessitamos de uma história que nos eduque a enfrentar discontinuidades mais do que antes; pois a discontinuidade, o dilaceramento e o caos são os nossos dotes”.

Hayden White.

A epígrafe afirma que precisamos de uma história que nos eduque para as discontinuidades e ao mesmo tempo para a compreensão do mundo e da sociedade. Assim, podemos redescobrir as relações existentes entre história e literatura presentes na atualidade como campo de estudos interdisciplinares.

A compreensão que temos de que a literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural, que possibilita o registro do movimento que o homem realiza na sua historicidade, seus anseios e suas visões de mundo, tem permitido ao historiador assumi-la como um campo de pesquisa a ser explorado. Assim, mesmo que os literatos a tenham produzido sem um compromisso com a verdade dos fatos, construindo um mundo singular que se contrapõe ao mundo real, é inegável que, através dos textos literários, a imaginação produz imagens, e o leitor, no momento em que pelo ato de ler, recupera tais imagens, encontra uma outra forma de ler os acontecimentos da realidade e interagir com eles.

Se confrontarmos literatura e história veremos que produzida através da imaginação, a literatura é criadora e independente da lógica e da reflexão, enquanto a história, é uma atividade racional que busca o conhecimento através do passado e não se deve generalizar as idéias tomadas por historiadores ou literatos.

O historiador não inventa histórias em seus relatos mais usa recursos literários para produzi-las e às vezes pode aproximar-se ou distanciar-se da ficção. O fato é que literatura e história aproximam seus campos de pesquisa e nos apresentam resultados bem semelhantes em seus contextos finais.

A relação, portanto entre literatura e história mostra que a aproximação entre as duas disciplinas permite a construção de um aparato teórico e conceitual que facilita o afloramento de imagens das fronteiras e os instantes e locais que as mesmas se diluem em comunhão. É necessário então o diálogo entre o discurso histórico e o literário para que a questão da interdisciplinaridade possa ser consolidada eficientemente.

Ao indagar o papel do historiador podemos dizer que em última instância era um narrador de acontecimentos dotados de procedimentos retórico-narrativos-narrativos. Assim, o próprio nascimento da história enquanto disciplina se pautou naquilo que ela não deveria

ser – mito, fábula ou poesia –, já que essas estruturas não trariam, dentro da lógica do século XIX, um conhecimento verdadeiro, esse sim o objetivo maior do historiador. As concepções de neutralidade e de objetividade, vagamente inspiradas nos modelos explicativos oriundos das ciências naturais, eram formas de legitimar a pureza e a imparcialidade da “*linguagem científica*”, que não deveria se aproximar da narrativa literária (WHITE, 2001).

Desta forma, segundo Peter Gay (1990, p. 17-18), o historiador de ofício é ao mesmo tempo um escritor e um leitor. Em sua função de escritor, sente-se na difícil obrigação de proporcionar prazer ao leitor sem comprometer o conteúdo de sua narrativa. Enquanto leitor, o historiador valoriza a sofisticação literária, apreendendo os fatos e informações contidas no texto. Assim, no entender de Gay dentre os diversos tipos de textos existentes, aquele que mais importa à história é o literário, mesmo porque as produções do historiador geralmente assumiram formas literárias.

Peter Burke (1992), preocupado em discutir as diferentes esferas entre literatura, narrativa e história sinaliza algumas contribuições da narrativa literária para o historiador: o método de narração regressivo, muito utilizado nos romances modernos, pode auxiliar o historiador a ressaltar para o leitor a pressão do passado sobre as sociedades, na medida em que a retomada de eventos e estruturas sociais anteriores reforçam os laços entre o presente e o que tenha acontecido antes dele. A literatura também oferece subsídios para que o historiador mostre ao leitor que sua obra não é o reflexo de uma verdade imaculada, e que seu papel enquanto narrador não é inócuo ou neutro.

Para Levi (2000), a aproximação entre literatura e história se faz por conta do que a literatura com uma série de recursos estilísticos pode oferecer e principalmente quando se utiliza a biografia como estudo histórico, pois este pode ser aproveitado por sua não linearidade, pelos *flashbacks*; “*enfim a história pode muito aprender com as características mais sólidas e também com as sutilezas da literatura*”.

Assim, ao utilizarmos a narrativa literária para a construção de um conhecimento histórico é redescobrir a memória, as relações sociais, culturais, políticas, econômicas da sociedade.

2. Narrativa literária e o Ensino de História.

Após o debate entre literatura, história e narrativa chegamos ao ponto fundamental do nosso trabalho que é a discussão sobre a contribuição da narrativa literária para o ensino de história da África, tomando como base o livro de Amadou Hampâté Bâ⁵ “*Amkoullel, o menino fula*”, de narrativa literária e biográfica.

O livro expressa a visão de um homem de mais de 80 anos sobre a reconstrução de sua memória, cheia de minúcias e detalhes, forjada dentro de uma tradição oral de grande precisão. O autor assim, passa do relato oral para uma narrativa descritiva (a escrita), numa metodologia que podemos dizer construtivista, ou seja, que nos leva a pensar, refletir sobre os nossos próprios caminhos a partir do relato realizado pelo mesmo.

Tal fato pode levar a princípio a suposição de uma inflação de imaginação e subjetividade. No entanto, os fatos devem ser observados, dentro da tradição da história africana da oralidade, que capacita aqueles indivíduos.

Amadou Hampâté Bâ discursa sobre três importantes pontos: a tradição onde se encontra: a oralidade, as religiões, a família e o papel da mulher na sociedade; trabalha ainda, as relações sociais que se apresentam na política, na amizade, na colonização e nas associações de idade e por último, a questão do tempo onde encontramos: a narrativa histórica, os espaços e as relações internas. Nessa perspectiva sendo o livro uma reconstrução do discurso oral para a expressão escrita, o método de abordagem nos revela a presença do diálogo com outras áreas do conhecimento para além da história tais como: a filosofia, sociologia, antropologia, caminhando em direção a interdisciplinaridade.

A compreensão de história trazida pelo autor está presente nos relatos e registros de memória, ficando claro a preocupação em transformar o discurso oral em conhecimento escrito.

“A memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo o acontecimento se inscrevia na memória como cera virgem... Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se um história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente, como os sons da guitarra

⁵ Amadou Hampâté Ba, nasceu em 1900 em Bangadiara. O autor publicou ao longo de sua trajetória inúmeros trabalhos relacionados a África.

que o griot Diêli Maadi tocava enquanto Wangrin me contava sua vida...⁶”(Bâ, 2003)

A oralidade desse povos pode ser simbolizada pela imagem e função do *griot*⁷ que representa esta memória e a transforma em uma narrativa descritiva que reafirma a tradição cultural deste povo.

A tradição oral pode ser vista como uma cacimba de ensinamentos, saberes que veiculam e auxiliam homens e mulheres, crianças, adultos/ os velhos/ as a se integrarem no tempo e no espaço e nas tradições. Sem poder ser esquecida ou desconsiderada, a oralidade é uma forma encarnada de registro, tão complexa quanto a escrita, que se utilizam gestos, da retórica, de improvisações, de canções épicas e líricas e de danças como modos de expressão.

Quando aborda os aspectos da família o autor trata como a mais ampla possível pois na *tradição africana* família não é somente a que se mantém pelos laços co-sanguíneos, todos os outros fazem parte dela, ou seja, os amigos possuem grande valor e passam a pertencer à família; os escravos que ascendem são incorporados à família e podem herdar os bens de seus senhores.

Outro exemplo a ser observado é a participação da criança na sociedade africana que está presente em todos os momentos de sua família, desde presenciar o nascimento até a morte, ela não é excluída de nenhum momento, tanto os bons quanto os maus. É neste convívio entre familiares, amigos e as pessoas mais velhas que se aprende os valores morais e éticos, tudo num tempo de percurso próprio.

Podemos perceber na leitura do livro que na tradição africana a vida individual não existia, ou seja, o indivíduo só existe a partir de sua família, e por extensão comunitária, que constituía o próprio tecido da sociedade e garantia a sua salvaguarda. O que percebemos é que a noção de família na África é muito ampla, ela se estende na verdade a todo o clã, ou seja, não é apenas o pai, mas todos os homens da geração mais velha da aldeia respondiam pela educação de uma criança, assim como num casamento entre as moças de uma aldeia com os homens de outra, todos passam a ser parentes, com todos os deveres e ajudas mútuas.

A associação das idades é outro aspecto que exige de nós uma compreensão diferenciada do relacionamento entre família, filhos e amizade onde, a relação entre pais, filhos e família se estende além da morte. Mesmo que ocorra a morte do pai ou da mãe enquanto se é criança haverá sempre alguém que será seu responsável e que deve cuidar e manter sua ancestralidade.

⁷ Griots – pessoas que têm o ofício de guardar e ensinar a memória cultural na comunidade. (Caderno de Educação – África Ilê, Ayê, 2001).

Outro fator de extrema importância trazido pelo livro é a relação que se estabelece na política e no processo de colonização. Ao remeter as suas origens familiares Hampâté Bâ expõe a formação de identidades africanas, origens de solidariedades e desacordos. No entanto, diferentemente de colocar estas questões à margem da “grande história factual” sua narrativa demonstra como essas questões aparentemente internas e sem relevância para a estruturação de uma História Geral, não só são relevantes como constituidoras dessa História.

Nesse sentido, as relações desenhadas pelo autor entre a administração colonial e administração tradicional são reveladoras desse aspecto. Quando descreve sua dupla origem Hampâté coloca a conquista entre duas etnias africanas, os tucolores e os fulas, descreve a forma dessa conquista, seus horrores e sua sedimentação no poder. Entretanto, o que chama atenção durante todo seu relato é que a mesma forma usada por Hampâté Bâ para narrar essa conquista interna africana é usada durante todo o texto para descrever as relações coloniais institucionalizadas posteriormente entre franceses e africanos, de forma que essa ‘outra’ conquista não parece estar fora de uma “normalidade” algo previsto, já visto.

Segundo o relato de Hampâté a colonização francesa não teria sido recebida como algo completamente diferente do que estavam habituados os africanos mas como parte de sua *visão de mundo*, ou seja completamente possível e plausível. As transformações advindas da conquista e colonização francesa vão pouco a pouco se mostrando no relato de Hampâté, entretanto não expõem uma modificação de fora pra dentro como o narrado pela História da conquista europeia na África, com a chegada de tecnologia, leis que estabelecem e modificam por completo os costumes, tradições europeias que tomam formas estranhas na África. Mas, ao contrário desse pensamento, *Amkoullel, o menino Fula* demonstra uma transformação conjunta desse mundo, algo que acontece por duas vias, tanto a dos europeus como a dos africanos, que intervém e sofrem a intervenção dessa conquista.

No entanto a visão interna trazida pelo relato do autor não cria a imagem de uma colonização sem choques e violência, ao contrário disso complexifica as questões desse processo histórico. Nesse sentido o esforço feito pela administração colonial para desencorajar o aprendizado de ofícios tradicionais africanos, ou seja, quando os administradores passaram a não permitir a fabricação de determinados objetos, para incitar a compra de artigos manufaturados provenientes da metrópole é revelador de um embate colonial, e da relação travada entre africanos e europeus no mundo colonial. É tradição africana que o aprendizado destes ofícios (sapateiro, ferreiro, etc), fossem realizados junto aos

mestres por transmissão oral, e pela realização dos objetos, e através de um conjunto de conhecimentos sobre geologia, mineralogia, botânica, era realizada a educação deste aprendiz.

A ruptura na transmissão destes conhecimentos provocou o que o autor considera como “*traumatismo cultural*”, levando os africanos a duvidarem mais tarde de seus próprios valores.

Levando ainda em consideração um aspecto muito importante para o historiador “*o tempo*”, o autor nos possibilita compreender que a narrativa histórica não necessariamente segue uma ordem cronológica, ela não se apresenta de forma fixa, ou seja, pode ser uma narrativa que percorra o tempo e os espaços de diferentes formas não está presa a um lugar, ela possui uma temporalidade própria (o tempo do autor). É a narrativa do cotidiano que percorre todo o livro imprimindo as marcas e as características do mesmo.

Assim, a partir das diferentes configurações sobre a história da África e mais especificamente da sociedade do Mali apresentadas nesta narrativa literária é que podemos compreender e perceber o quanto se faz importante à transmissão oral para esta sociedade, e que a história apresentada não é individual, mas sim coletiva, na medida em que ele transpõe as relações sociais forjadas nesta sociedade. O texto permite ainda discutir sobre o conceito de identidade africana, que é um debate novo que deve ser problematizado nas questões de raça e de experiência histórica comum, ou mesmo numa metafísica compartilhada.

Conclusão.

Para o estudo e compreensão da História da África o livro “*Amkoullel, o menino fula*” abre um complexo diálogo literário que desafia não somente o conteúdo de diferentes textos históricos, mas toda uma historicidade e mentalidade na qual eles estão inseridos; na medida em que se situam em franca oposição ao retrato das relações África e Europa.

Ao nos debruçarmos sobre esta produção, temos a nítida impressão de que o autor escreve não somente para o seu povo, mas para todo o mundo, o que ele faz é partilhar a sua própria história e assim, podemos compreender em aspectos gerais a história de uma parte da África, não a generalizando. O uso de seu passado tem um objetivo específico e muito bem formulado em sua narrativa, que é levar o leitor a discutir os problemas concretos por ele vivenciados.

Neste sentido, o autor o autor trabalha as relações de tempo que compreende a narrativa, os espaços e as relações internas. A narrativa trabalhada ao longo do livro não é cronológica, não se apresenta de forma fixa, ou seja, é uma narrativa que percorre o tempo e os espaços de diferentes formas, não está presa a um lugar, ela possui uma temporalidade

própria (o tempo do autor). É a narrativa do cotidiano que percorre todo o livro imprimindo as marcas e as características do mesmo.

Podemos observar que a narrativa se constrói a partir da oralidade, da memória permanente do autor, está presente no que chamamos de lembranças e é a partir dela que podemos construir o conhecimento e entrelaçar as suas diferentes dimensões. Assim, o livro nos permite dialogar com as diferentes áreas do conhecimento, pois a sua narrativa é que permite este diálogo, ela é responsável por tecer a rede destes conhecimentos. Quando o autor nos relata a relação entre família, religião, amizade, entre outros nos revela para além das tradições culturais africanas, o juízo de valores morais e éticos que se encontram neste continente.

Assim, a escrita deste livro pode ser considerada de certa forma um resgate da cultura africana, pois a forma literária (narrativa histórica) escolhida pelo autor permite ao leitor conhecer os entrelaces existentes até hoje entre estas culturas (negros e brancos).

A leitura deste livro é importante e fundamental para o ensino de África na graduação, pós-graduação, e o método abordado pelo autor nos permite a compreensão de conceitos hoje imprescindíveis na formação acadêmica.

“...basta de ousadias. Mergulhe-se num sonho, em um universo onde tudo pode acontecer”. (Fábio Leite, prefácio à edição brasileira, pg.12). Nestas palavras encontramos o caminho necessário para dizer aos leitores que este livro nos faz sonhar, viajar e conhecer para além da África (Mali), a nós mesmos enquanto pessoas.

Referência Bibliográfica.

BÂ, Amadou Hampâté. “*Amkoullel, o menino fula*”. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BURKE, Peter. “*A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*”. In: _____ (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

GAY, Peter. “*O estilo na história*”. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LEVI, Giovanni. “*Usos da biografia*”. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes, (orgs.). “*Usos e Abusos da História Oral*”. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

TOLCHINSKY, L. (1990). A Reproducción de relatos en niños entre cinco e sete años: organización sintáctica y funciones narrativas. *Anuário de Psicologia*, nº47, (p. 65-88) . Faculdade de Psicologia, Universidade de Barcelona.

WHITE, Hayden. "*O texto histórico como artefato literário.*" In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001, pp. 97-116.